

A LITERATURA DO EXÍLIO: KINDZU E MUIDINGA “A ESPERANÇA NAS PÁGINAS DE TERRA”

Andréa Ellen Aráujo DUARTE (UFPA)

Sandra Maria JOB (UFPA)

Resumo: De acordo com Edward Said (s.d.), as páginas das literaturas modernas estão recheadas de um tema relativamente fácil de falar, mas difícil de viver: o exílio. Sendo esse, portanto, um tema recorrente e, a nosso ver, interessante, esse trabalho tem como objetivo discorrer sobre o exílio e, posteriormente, trabalhar com uma literatura do exílio; qual seja: *Terra Sonâmbula* (1993), de Mia Couto. Nessa o intuito é averiguar, em Kindzu e Muidinga, as “esperanças nas páginas da terra”. Conclui-se ao final que, entre outras coisas, a leitura teve um papel determinante na vida desses dois personagens, além de ser o elo que ligou um ao outro.

Palavras-chave: Literatura. Exílio. Terra Sonâmbula. Kindzu. Muidinga

O exílio é, segundo o dicionário Aurélio (2009, p. 853), a "expatriação, forçada ou voluntária; degredo, desterro", que aflora naqueles que vivem longe da terra natal, à força ou por livre escolha. E, de acordo com Edward Said (s.d.), as páginas das literaturas modernas estão recheadas de um tema relativamente fácil de falar, mas difícil de viver: o exílio. Sendo esse, portanto, um tema recorrente e, a nosso ver, interessante, esse trabalho tem como objetivo discorrer sobre o exílio e, posteriormente, trabalhar com uma literatura que toca na questão do exílio; qual seja: *Terra Sonâmbula* (1993), de Mia Couto. Nessa o intuito é averiguar, em Kindzu e Muidinga, as “esperanças nas páginas da terra”.

Para atingir os objetivos propostos, este trabalho obedecerá a seguinte estrutura, a saber. Primeiro discorremos sobre a questão do exílio, em seguida na obra já citada e na análise dos personagens escolhidos. Por fim, traremos a conclusão a que se chegou esta pesquisa.

Ao falar sobre exílio, cabe, de antemão, esclarecer que “o exílio não é uma invenção do século XX. Há na história de todos os países e em todas as épocas relatos de perseguição e banimento de minorias [...]” (BERG et al., apud KESTLER, 2005, p.116). E o exilado é

[...] é aquele que define a sua existência a partir de ausências. Ele está ausente no passado que ele não conseguiu viver, está ausente no presente porque vive neste adivinhar o que poderia ter acontecido como sua vida se ele tivesse ficado. [...] o exilado é alguém que vive entre versatilidade e indeterminação, é um sujeito que vive no "intermédio", não pertence "aqui" nem "lá". A única certeza que temos é que o exílio é uma experiência irreversível, da que não há volta atrás. Ele vive em meio a uma ambiguidade trágica entre a sua situação e a esperança de retorno. (VILLORO, 2013, p. 5).

Por isso, enquanto sinal da condição humana, o exílio é um problema de múltiplos contrastes. Fato real e assunto literário. A experiência do exílio está presente na literatura de todos aqueles momentos/períodos em que o ser humano foi forçado a se reconhecer como um sujeito em permanente exílio. Ou seja, em todos os momentos em que o indivíduo esteve vivendo fora da ordem habitual (SAID, s.d.), visto que a sensação do provisório e do incerto é um dos vestígios mais duros e perduráveis na vida de um exilado (SAID, s.d.) e isso, consequentemente, gera esse fora da ordem habitual das coisas.

No campo da literatura podemos refletir a noção de exílio não só enquanto manifestação historicamente coletiva, também como experiência subjetiva, única. Montañés corrobora com essa ideia ao conceber que:

O exílio não é só um estado físico, espacial e temporal, também é um estado mental. O sentimento de perda primordial remete-nos a um sentimento ainda mais profundo que nos acompanha permanentemente: a nostalgia, entendida como a melancolia produzida no exílio pelas saudades da pátria. Desterrado da razão, da cidade e da história, sem um território real sob seus pés, ao poeta só lhe restará, para subsistir e perpetuar-se, a apropriação simbólica do espaço imaginário. Desde essa zona de resistência, o poeta criará um refúgio seguro que é o universo da fantasia. [...] o único vínculo que o exilado pode conservar com seu país. [...] A verdadeira pátria do escritor sem pátria, suas raízes, estão no livro que o poeta carrega dentro de si. (MONTAÑÉS, 2006, p. 176-177).

Esse pensamento nos remete a conceber a literatura para um exilado como sendo um irremediável processo de viagem ou fuga de uma realidade dura e assustadora, visto que o exílio nos remete à perda ou ausência de algo familiar, algo concreto (locais, cultura, pessoas, etc.), ou abstrato (cheiro, sabores, sons e etc.). E, talvez, o mais difícil de ser aceito é que “o exílio é produzido por seres humanos para outros seres humanos [...] e que arrancou milhares de pessoas do sustento da tradição, da família e da geografia.” (SAID, [s.d.], p. 47). Ou seja, os seres humanos podem ser cruéis e banalizar a existência humana, causando no outro dores invisíveis e irremediáveis.

Ainda sobre a literatura do exílio, Said (s.d.) completa ao dizer que:

[...] na melhor das hipóteses a literatura sobre o exílio, objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão. Pensar que o exílio é benéfico para essa literatura é banalizar suas mutilações, as perdas que inflige aos que as sofrem, a mudez com que responde a qualquer tentativa de compreendê-lo como ‘bom para nós’. (SAID, [s.d.], p. 47).

Nessa perspectiva, Said em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* [s.d.], por exemplo, nos obriga a analisar e pensar no exílio como uma experiência terrível que rompe os laços entre pessoas e seu lar natal, levando-os a algum lugar que nunca será seu e no qual nunca se sentirá como parte dele, não havendo, assim, aquela sensação de pertencimento. O mesmo autor ainda acrescenta que “o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experimentar. Ela é uma

fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza inicial jamais pode ser superada.” (SAID, [s.d.], p. 46).

Contudo, se essa tristeza jamais pode ser superada na vida real, através da literatura pode haver uma amenização para este sentimento de perda, ou pelo menos, a sensação de “consolo” ao se partilhar através da escrita o registro de seus sentimentos e acontecimentos lidos por outrem, pois:

[...] a literatura e a história contém episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, elas não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre [...]. Ver um poeta no exílio – ao contrário de ler a poesia do exílio – é ver as antinomias do exílio encarnadas e suportadas com uma intensidade sem par. (SAID, [s.d.], p. 46-47).

Ou seja, se por um lado a literatura traz um aspecto “glamoroso” para a vida do exilado, por outro, tal intento apenas camufla seu lado “feio”. Afinal, ser exilado significa ser alguém cujo passado, cujas raízes, cuja família foram perdidas, talvez, para sempre. Já que:

O exílio significa fratura, trauma, perda de suas raízes e de sua própria identidade, perda de seu ambiente familiar e social. Perda, também, de seu próprio meio linguístico, o meio no qual o escritor escrevia e trabalhava durante muitos anos para poder construir um instrumento de comunicação com o leitor: sua própria obra. Um poeta ou romancista que o exílio político ou a desventura pessoal separou de sua língua materna é uma criatura mutilada, fragmentada, deslocada, vivendo em um entre-lugar, fora de seu espaço – tempo. (MONTAÑÉS, 2006, p. 60).

Nessa situação, essa literatura do exílio serve para nos inquietar e causar estranheza, quando nos deparamos com essa outra realidade, levando-nos a nos colocarmos no lugar do outro. Refletir sobre essa experiência devastadora, em que, provavelmente, os exilados jamais voltarão à sua terra natal, impedidos, em alguns casos, de não reviver sua cultura, língua, tradições na nova casa (país), já que por vezes são considerados “estrangeiros”, é conceber o outro nas suas diferenças e valorizar o modo de viver legítimo das pessoas.

Said em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, ao citar Adorno, diz que “as reflexões de Adorno são animadas pela crença de que o único lar realmente disponível agora, embora frágil e vulnerável, está na escrita [...]” (SAID, [s.d.], p.58). Isso porque Montanés também enfatiza que:

A literatura se nutre, alimenta-se, das trocas simbólicas, dos empréstimos feitos de um lugar a outro, das viagens, dos pensamentos reinventados, ingredientes esses que convergem de diferentes fontes do imaginário e da criatividade. As intensas viagens introspectivas, as apaixonadas excursões mundanas ficam gravadas nos textos e nas obras de ficção dos escritores viajantes. (MONTAÑÉS, 2006, p. 48).

Fato este incontestável ao analisarmos o livro *Terra Sonâmbula*, do moçambicano Mia Couto. Obra esta que se revela de extrema importância para a análise e o destaque do registro escrito, em que a literatura assume seu lugar na crescente jornada da experiência humana vivida por exilados. Ainda em relação ao livro, ele nos leva a uma viagem inicial de 02 (dois) personagens:

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma

parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo [...]. (COUTO, 1993, p. 9).

Esses personagens, o velho Tuahir e o ‘miúdo’ Muidinga, estão em busca de um futuro, na esperança de dias melhores. No caminho encontram incertezas. O que os leva a seguir adiante é a esperança, a esperança de que sua terra volte a ser a pátria acolhedora e que seus habitantes voltem a ser felizes, todavia, “no convívio com a solidão, porém, o canto acabou por migrar de si. Os dois caminheiros condiziam com a estrada, murchos, desesperançados” (COUTO, 1993, p. 10).

Produtos de uma guerra, a narrativa desses personagens é conduzida por um caderno encantado ao longo do caminho. Sendo esse caderno de suma importância para história, o objetivo desse trabalho é analisar, a partir das atitudes do personagem, a relevância que os cadernos de Kindzu exercem sobre a vida do ‘miúdo’ Muidinga.

Quanto a este personagem, ele não sabe sua origem, perdeu suas raízes. Sua condição de exilado no próprio território acaba sendo um pouco pior, principalmente por que “ter raízes é talvez a necessidade mais importante e menos conhecida da alma humana.” (WEIL apud SAID, [s.d.], p. 56). E “não ter raízes significa não ter no mundo um lugar reconhecido e garantido pelos outros; [...] significa não pertencer ao mundo de forma alguma” (ARENNDT apud MONTAÑÉS, 2006, p. 14). Ter raízes é, talvez, essencial para a afirmação humana. E, por isso, talvez, na ausência dessa raiz, os dois personagens se agarrem tanto ao caderno ‘encantado’. Tanto que as duas histórias distintas (de Kindzu e Muidinga) acabam se unindo através da leitura desse caderno. Misturando a realidade vivida por Muidinga, com as estórias contadas nos cadernos de Kindzu, o que acaba criando um entrelaçamento entre os dois personagens que será descoberto “o porquê” somente no último caderno.

No momento em que chegam ao local onde está o machimbombo (ônibus), Muidinga encontra os cadernos de Kindzu. Através desses, Tuahir e Muidinga “viajam”. É uma viagem psicológica, pois, “mesmo os que permanecem, que jamais saem do seu lugar, viajam imaginariamente ouvindo estórias, lendo narrativas, vendo coisas, gentes e signos do outro mundo.” (IANNI, 1990, p.3). E ela se inicia, quando:

O miúdo se levanta e escolhe entre os papéis, receando rasgar uma folha escrita. Acaba por arranca a capa de um dos cadernos. Para fazer fogo usa esse papel. Depois se senta ao lado da fogueira, ajeita os cadernos e começa ler. Balbucia letra a letra, percorrendo o lento desenho da cada uma. Sorri com a satisfação de uma conquista. Vai se habituando, ganhando despacho.

-Que estás a fazer, rapaz?

-Estou a ler.

-É verdade, já esquecia. Você era capaz de ler. Então leia em voz alta que é para me adormecer. (COUTO, 1993, p. 14).

Em *Terra Sonâmbula* encontramos a escrita como sendo uma possibilidade para essa viagem do espírito desses dois personagens que “[...] está(o) farto(s) de viver entre mortos” (COUTO, 1993, p. 12, parênteses nossos). Por isso, a descoberta dos cadernos de Kindzu por Muidinga leva-o a um refúgio, à medida que:

O miúdo lê em voz alta. Seus olhos se abrem mais que a voz que, lenta e cuidadosa, vai decifrando as letras. Ler era coisa que ele apenas agora se recordava saber. O velho Tuahir, ignorante das letras, não lhe despertara a faculdade da leitura. A lua parece ter sido chamada pela voz de Muidinga, a estrada escuta a estória que desponta dos cadernos [...] (COUTO, 1993, p. 15)

Nesta narrativa o registro escrito é o refúgio ou o caminho através do qual buscam, inconscientemente, fugir do exílio. Essa escrita é uma réstia de esperança para os sonhos de Kindzu, que o escrevera, e acaba se tornando, também, de Muidinga e Tuahir que o leem, visto que é a “escrita que potencializa o valor dos sonhos e o seu talento para converter e regenerar a vida [...]” (OLIVEIRA, 2009, p.10).

Nesse caderno, Kindzu perfaz uma viagem que vai sendo desvendada aos poucos por Muidinga, conforme este vai lendo-o. Ao viajar pelos cardernos de Kindzu, Muidinga cria um novo vínculo com o real transformando-o de tal forma que chega a ver a paisagem ao redor do ônibus se modificando. Contudo, “de fato, a única coisa que acontece é a consecutiva mudança da paisagem. Mas só Muidinga vê essas mudanças. Tuahir diz que são miragens, frutos do desejo de seu companheiro”. (COUTO, 1993, p. 77). Já que Muidinga está a viajar nos escritos de Kindzu, e para alguns escritores viajar é narrar, “a viagem é a vida. É por meio da viagem que o escritor experimenta o mundo. A partir de outro ponto de vista, porém, a viagem simboliza também a perda da identidade pois, o ato de viajar torna-se numa forma de escapar das amarras do dia-a-dia. Nesse sentido, a viagem é uma fuga do eu”. (MONTAÑES, 2006, p. 48).

A fuga, o desejo de mudança e esperança de vida, busca de sua origem, era isso que Muidinga buscava, e nos cadernos de Kindzu ele poderia sonhar com essa almejada esperança de dias melhores. Todavia, este sonho ainda era obscuro, o ‘miúdo’ ainda não estava habituado a sonhar. E nessa perturbação, vemos que:

Muidinga sonha, agitado. Lhe surgem, confusas, imagens de um tempo que ele nunca foi capaz de tocar. Muidinga se revê menino [...] confusas vozes lhe afluem: chamam por si! Lhe chamam por outro nome. Tenta desesperadamente entender esse nome [...]. Aquela noite lhe dera a certeza: os sonhos são cartas que enviamos a nossas outras, restantes vidas. Os cadernos de Kindzu não deveriam ter sido escritos por mão de carne e ossuda mas por sonhos iguais aos dele” .(COUTO, 1993, p. 79).

Essa agitação pode ser explicada, porque “o exílio [...] é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado [...]. O exílio baseia-se na existência do amor pela terra natal e nos laços que nos ligam à ela” (SAID, [s.d.], p.50-58).

Muidinga compartilha esse estado de espírito interrompido, já que não sabe a que laços se apegar, pois suas origens ainda são um mistério. E sonhando junto com Kindzu ele busca a sua redenção.

Nestes cadernos, o protagonista também se encontra desorientado, e busca nessa viagem a transformação. Kindzu quer ser um naparama, um guerreiro mágico. Nos cadernos apresenta seu pai, o velho Taímo, que tinha sonhos premonitórios e fantásticos. O velho Taímo morre. Kindzu, assim como o pai, também tem sonhos que se misturam à realidade. Sonhos que são premonitórios. Ter sonhos, aqui, é como ter ainda esperança. Contudo, o sonho está ligado à utopia, mas por outro lado, ao desejo de mudar. Nesse contexto, na voz do narrador:

Se dizia daquela terra que era sonâmbula. Porque enquanto os homens dormiam, a terra se movia espaços afora. Quando despertavam, os habitantes olhavam o novo rosto da paisagem e sabiam que, naquela noite, eles tinham sido visitados pela fantasia do sonho.

O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro. (COUTO, 1993, p. 6).

Ou seja, o narrador tenta explicar os sonhos de Kindzu como sendo a ferramenta que o mantém vivo. As duas epígrafes são comprovadas logo em seguida pela abertura do primeiro capítulo que se intitula “A estrada morta”, onde na primeira linha se lê: “Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada” (COUTO, 1993, p. 9). Dessa forma, comprova-se ser o sonho o elemento que faz seguir adiante, nele é que reside a esperança. E a guerra, que mata os sonhos, traz consigo a desesperança e o sentimento de desencanto. Numa terra assolada por esse conflito, seus habitantes já perderam a esperança na vida, por isso deixaram de sonhar. Porém, ao encontrar o caderno encantando, Muidinga vê despertar sua esperança num mundo de sonho possível, essa terra ainda poderia estar viva. Esse mundo dos sonhos é buscado nos cadernos de Kindzu, pois, através dele, a imaginação de Muidinga é ativada. Ele cria e recria o universo de Kindzu e o dele próprio, concebido naquelas linhas. Vive intensamente cada aventura narrada nos cadernos a ponto de misturar a realidade e o imaginário: o seu mundo e o de Kindzu, respectivamente.

Com a terra praticamente morta, nada parecia acontecer, agora. Contudo,

Os cadernos de Kindzu se tinham tornado o único acontecer naquele abrigo. Procurar lenha, cozinar as reservas da mala, carregar água: em tudo o rapaz se apressava. O tempo ele o queria apenas para mergulhar nas misteriosas folhas [...] o jovem passa a mão pelo caderno, como se palpasse as letras. Ainda agora ele se admira: afinal, sabia ler? [...] (COUTO, 1993, p. 41).

A literatura assume um *status* salvador para esse ‘miúdo’ moçambicano, numa conjuntura de “dependência”, porém com uma sensação de liberdade. Essa ambiguidade, é a busca inquieta do exilado em “construir um mundo novo que de alguma forma se pareça com o antigo”, isso reflete em “grande parte da vida de um exilado (que) é ocupada a compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar”. (SAID, [s.d.] p. 54-55, parêntese nosso).

E esse mundo está sendo criado dentro do caderno encantado, visto que:

Os cadernos de Kindzu são uma fonte inesgotável de sonho e de alegria para Tuahir e Muidinga, pobres desgraçados que se encontram no interior de um ônibus incendiado para tentar escapar do inferno da guerra. Os dois personagens representam o povo moçambicano que não abandona seus sonhos e suas tradições. (Oliveira, 2009, p. 9).

Mesmo a guerra querendo matar os sonhos, Kindzu não se deixa esmorecer. E na passagem do Décimo Caderno de Kindzu, *No Campo da Morte*, seu pai, Taímo, o interpela, ficando mais claro a importância da literatura, do registro escrito na vida desse exilado:

-O que andas a fazer com um caderno, escreves o quê?
-Nem sei, pai. Escrevo conforme vou sonhando.
-E alguém vai ler isso?
-Talvez.
-É bom assim: ensinar alguém a sonhar.
-Mas pai, o que passa com esta nossa terra?
-Você não sabe, filho. Mas enquanto os homens dormem, a terra anda a procurar.
-A procurar o que, pai?
-É que a vida não gosta de sofrer. A terra anda a procurar dentro de cada pessoa, anda juntar os sonhos. Sim, faz conta ela é uma costureira dos sonhos. (COUTO, 1993, p. 219).

Isso por que Adorno nos diz que “o escritor ergue uma casa [...]. Para o homem que não tem uma terra natal, escrever torna-se um lugar para viver [...]” (ADORNO apud SAID, [s.d.], p.315). É o que Kindzu faz, refugia-se naquelas linhas traçadas, tendo a esperança de que esta o deixará vivo para sempre, mesmo que apenas na memória de quem as lê. Todavia,

A atitude do escritor no exílio não é só contemplativa. Apesar da armadilha da saudade, a todo o momento se está alimentando de novas experiências que diariamente se infiltram nos interstícios do cotidiano. Os escritores desterrados, além de passar por um difícil processo de adaptação ao meio, à sua condição de exilados, também sofrem um processo interior de assimilação cultural. (MONTAÑES, 2006, p. 47).

Para Said, através da escrita “conseguimos, no máximo, uma satisfação provisória, que logo é atacada de emboscada pela dúvida, e uma necessidade de reescrever e refazer que torna o texto inabitável. Melhor isso, no entanto, do que o sono da satisfação consigo mesmo e o ponto final da morte” (SAID, [s.d.], p. 315). Essa satisfação, por mais que provisória, é a literatura que proporciona. Ela é que mantém muitos exilados vivos, registrando suas memórias, na esperança de deixar intacto a sua terra natal, compartilhando com outros essas lembranças minuciosas do começo da sua vida, perfazendo também, os caminhos devastados pelo exílio.

Assim, mesmo com toda a miséria decorrente da guerra e a terra em agonia, Kindzu mantém-se rico e fértil, pois conta com os sonhos. A Terra Sonâmbula é a terra dos sonhos, mesmo com o povo dormente inspira-os a manter-se vivo por um fio de esperança, e essa esperança é traçada nas linhas escritas por ele, tornando-se também um sonâmbulo, “um sonâmbulo como a terra em que nascera”. (COUTO, 1993. P. 130).

É através da voz de Muidinga que se dá a história de Kindzu. Em cada linha do romance, percebe-se que Muidinga torna-se cada vez mais dependente dessas leituras, e como a falta dessas linhas e de nunca mais as ler o deixa como se houvesse uma ausência de algo já interno a ele, como fica claro na passagem:

[...]. Muidinga receia perder o caminho regresso. E se o velho se perdesse e nunca mais dessem com o machimbombo?

-Qual é o problema? Muidinga?

-Estou a pensar e se nos perdemos...

-Se não voltarmos à estrada não perdemos nada.

Era verdade: que valores arredava o autocarro agora que as reservas de comida se esgotavam? Porém, para Muidinga, não regressar seria enorme desgosto. Ele se admira: o que o prendia àqueles destroços na estrada? Então, lhe veio a resposta clara: eram os cadernos de kindzu, as estórias que ele vinha lendo cada noite. E sente saudade das linhas, tantas quantos os passos que agora desfia pelos atalhos. (COUTO, 1993, p. 62).

Notamos como a escrita permite o refúgio e dá nova força para o exilado. Naquelas estórias escritas por outrem, por exemplo, faz com que a vida de Muidinga encontre sentido; ter sonhos iguais ao de Kindzu, e ter as “Letras de Sonhos” parecem ser as únicas coisas a acontecer na vida dos dois exilados, fazendo-os viajar. E isso fica mais evidente, até mesmo, quando Tuahir já não sabe também viver sem essas linhas traçadas no caderno de Kindzu. Vejamos:

[...]. O tempo passa, cai a noite. Os dois viajantes se deitam no relento. O velho não alcança o sono.

- Não dorme, tio?

-Não. Desconsigo de dormir.

-É por causa do homem do rio.

-Nada. Nem lembro disso. É que sinto falta das estórias.

-Quais estórias?

-Essas que você lê nesses caderninhos. Esse fidamãe desse Kindzu já vive quase conosco. (COUTO, 1993, P. 109-110).

Isso porque a literatura nos leva a mundos distantes, a viagens rumo ao desconhecido. Essa viagem está presente nos sonhos de Muidinga, ele viaja nos escritos do caderno, além, também, de nos cadernos de Kindzu conter a viagem desse escritor (Kindzu). São várias viagens. Em seus cadernos, Kindzu empreende uma viagem inicial, assim como Muidinga ao lê-los. As viagens empreendidas por Kindzu e Muidinga correm paralelas para ao final, no “Último caderno de Kindzu”, “As páginas da terra”, se entrelaçarem. E foram nestas que foram semeadas as esperanças de um amanhã.

Percebe-se, então, que Muidinga faz agora parte dessa terra e se uniu a ela, uma vez que compartilhou com Kindzu toda a esperança transcrita no caderno. Muidinga é a semente plantada nas “páginas de terra” de Kindzu, é nesse momento que vemos o entrelaçamento das histórias se concretizando, assim:

Mais adiante segue um miúdo com passo lento. Nas suas mãos estão papéis que me parecem familiares. Me aproximo e, com sobressalto, confirmo: são os meus

cadernos. Então, com o peito sufocado, chamo: Gaspar! E o menino estremece como se nascesse por uma segunda vez. De sua mão tombam os cadernos. Movidas por um vento que nascia não do ar mas do próprio chão, as folhas se espalham pela estrada. Então, as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos meus escritos se vão transformando em páginas de terra. (COUTO, 1993, p. 245).

Nesse panorama, “As páginas da terra”, inserida na parte do “Último caderno de Kindzu”, fazem alusão à literatura, que não deixa a história deste povo sofrido morrer. No final dessa viagem, há o encontro do real com o universo imaginário. E naquele momento Muidinga renasce, renasce nas linhas escritas de Kindzu. E com ele, um tempo repleto de sonhos, no qual a estrada esteja viva e dá passagem aos sonhadores, viajantes da terra.

Através da literatura impressa no caderno de Kindzu, o passado e o presente se unem. Passado diz respeito a tudo o que contam seus antepassados; o presente diz respeito a tudo o que ele vive e que ficou registrado através da literatura escrita.

Muidinga (re)nasce ao descobrir a sua identidade. Ele afasta-se da realidade enfraquecida pela guerra e é absorvido pelo mundo da ilusão dos sonhos. E é a literatura que possibilita esse (re)nascer. A literatura com sua força que quebra barreiras, e leva, a partir da história do seu povo castigado, a esperança no amanhã. Um amanhã em que todos terão a oportunidade de se reconhecer enquanto homens com pátria.

Em suma, na última parte do livro, nas “Páginas de terra”, que se revela a esperança de um futuro. Mas Muidinga só chega a essa momento, ou melhor, é levado até essa momento, através da escrita, pois é nela que ele encontra, ao longo do seu exílio, a força para manter-se vivo.

E para nós, leitores, é dessa forma, também, isto é, através da literatura que percebemos, ao longo da viagem psicológica empreendida pelo personagem, os sonhos de esperança que nascem dessas “páginas de terra”. Terra que olha com estranheza e questiona a exploração em que se encontram os povos africanos, povos em sua maioria exilados, povos que, assim como nós, falam a língua portuguesa. E aí, nesse ponto em que as línguas se entrecruzam, já não são mais eles apenas os explorados. São eles e nós, que com força sobrevivemos às mazelas. Todos os pobres, oprimidos e explorados em busca de histórias contadas/escritas/vividas nas terras sonâmbulas que nunca dormem em busca de um sonho, quase sempre chamado de pátria, dentro da própria pátria.

Referências

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed.- Curitiba: Ed. Positivo; 2009.

IANNI, Octavio. **A metáfora da viagem**. São Paulo: Cultura Vozes, v. 90, n.2, março/abril 1990.

KESTLER Izabela Maria Furtado. **A Literatura em Língua Alemã e o Período do Exílio (1933-1945): A Produção Literária, a experiência do exílio e a presença de exilados de fala alemã no Brasil.** Itinerários, Araraquara, 23, 115-135, 2005

MONTAÑÉS, Amanda Pérez. **Vozes do exílio e suas e manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba.** Florianópolis, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria Abrahão dos Santos. As impermanências da paisagem em *Terra Sonâmbula: Sonho e Resistência*. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana** da UFF, Vol. 2, n° 2, Abril de 2009.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, [s.d.].

VIDAL, Paloma. **A História em seus Restos: literatura e exílio no cone sul.** São Paulo: Annablume, 2004.

VILLORO, Juan. **Exílio e literatura: fronteira, tradução e identidade.** Natal: RN, 2013